

Dragões de Éter



CORAÇÕES DE NEVE

Raphael Draccon

*** Permitido apenas com o propósito de divulgação ***

Copyright © Raphael Draccon, 2009
<http://www.raphaeldraccon.com>

I

CORAÇÕES DE INVERNO

Ainda era outono naquela época. Essa palavra, *outono*, não simboliza apenas a época das colheitas; trata-se também de um termo que representa o período da vida em que uma pessoa se encaminha à velhice. Um termo que também poderia ser substituído por *ocaso*. Por acaso, Ocaso era o nome daquele continente onde um Rei, ainda longe do período nobre que traz a velhice ao ser humano, iria se consagrar em uma época de outono.

Em Nova Ether, no continente oeste, não existia Reino mais importante que Arzallum. Era o Reino-sede, a base, o Reino de Todos os Reinos. Seus Reis não eram apenas Reis de seus territórios, eram também os homens que decidiriam quaisquer questões que envolviam todos os outros. O Rei de Arzallum seria sempre também o Rei dos Reis. E com base nessa informação, você poderá melhor entender por que naquele dia daquela tarde de outono, todos os povos daquele continente, independentes de onde estivessem, estavam orando a seu semideus *Criador* ou a seus semideuses preferidos, e pedindo com toda a fé que iluminassem a consagração do novo monarca.

Porque diante das leis dos homens e abaixo das leis semidivinas, Arzallum estava consagrando oficialmente seu novo Rei.

Branford. Sobrenome nascido plebeu, se sagrado nobre, e iluminado pelo semidivino. O primogênito se chamou Primo, e virou mito: O Caçador, o Rei que liderou a *Caçada de Bruxas* em uma época em que as bruxas desafiaram as fadas. E os homens desafiaram as bruxas. Lançado ao trono nas graças do povo, Primo Branford hoje descansa com honras ao lado de sua Rainha-fada Terra Branford, com a certeza de que cometeu muitos erros – porque era humano – posto que acertou muitas vezes – porque era herói.

Primo Branford e sua Rainha deixaram na terra dos homens dois herdeiros. O caçula, e por isso ainda príncipe, se chamava Axel, e era amado pela plebe. O segundo, o mais velho e herdeiro legítimo do trono de Arzallum, se chamava Anísio, e era amado pela nobreza.

Seu pai era amado por ambos.

Anísio sempre fora treinado para o grande momento. Aprendera a falar como nobre, a montar cavalos, a se portar à mesa, a falar em público e manejar com perfeição uma lança, um escudo e uma espada, não necessariamente nessa ordem. Aprendera bem matemática, geografia e história militar. Axel também tivera lições, mas não seria Rei. Anísio seria; então, seu fardo, nesse caso, sempre fora maior. Ainda assim, e por mais tempo de treinamento árduo a que tivesse se dedicado com seriedade, quando se olhou naquele espelho e ajeitou pela quarta vez a base da capa vermelha que lhe pesava sobre os ombros, o Rei por direito não se sentiu preparado.

De fato, qualquer súdito diria que ele estaria. Fora treinado desde o nascimento; não haveria como não. Entretanto, Anísio esperava ainda que seu pai vivesse muito mais anos do que as folhas de um carvalho. Acreditava que o momento havia sido precipitado, mas fosse qual fosse a hora em que aquele momento se desse, iria se sentir da mesma forma. Fraquejava por não suportar, como deveria, a perda, mas ninguém jamais suportaria realmente, como deveria, a chegada da morte.

Observara-se mais uma vez no espelho, e desejou que ao menos a mãe estivesse presente. Não eram em todos os dias que morriam fadas, ainda mais escolhendo a morte em nome de outras vidas, como aquela Rainha um dia optou. Entretanto, não é a história da nobre Rainha que iremos narrar, mas saiba que se hoje escrevemos Rainhas com erres

maiúsculos é porque Terra Branford um dia andou sobre a terra dos homens, e por eles sacrificou muito mais que uma vida.

Anísio Branford então inspirou fundo, buscando a força encontrada apenas na magnificência. Não era o Maior de Todos os Reis. Mas era filho Dele. Pensava nisso quando viu no reflexo no espelho a porta do quarto se abrir.

E uma das princesas mais conhecidas do mundo entrar.

– Está na hora, amado – Branca Coração-de-Neve, a princesa prometida a Anísio Branford ainda no berço, entrou sorrindo seu sorriso luminoso. Não era a mais bela das princesas, mas era única. Carisma. Branca era dotada do tipo de carisma que conquistava multidões, e as fazia ter vontade de fazer coisas por ela que não fariam conscientemente.

– Ainda temo o momento, Branca. Acho que nunca vou me sentir preparado. – uma expiração. Forte. – Mas sei qual o limite da obrigação.

– É muito bom realmente que saibas. – uma pausa. – Deves isto a teu pai.

– Achas sem dúvida que sou uma boa escolha, não achas? – Anísio deixou a visão do próprio reflexo para conferir se a resposta viria dotada de veracidade.

– Sem falsa prosa, acho que és a melhor. – afirmação sincera, que os olhos não conseguiriam esconder.

Anísio balançou a cabeça uma vez em positivo. Aquela mulher e seu irmão mais novo eram seu novo conceito de família, e em pouco tempo faria daquela princesa sua Rainha, e ao lado dela governaria Arzallum do jeito mais sábio que julgasse.

– Sabes, Branca, lembrar da imagem de meu pai me trouxe à tona uma história que gostaria de contar a ti um dia.

– Hum... adoro histórias! Outro dia sonhei que contava mil e uma delas para não morrer nas mãos de um cruel senhor, acreditas?

– Mas que sonho estranho...

– Também achei. Mas, e esta história que queres me contar? É de amor?

– Também. Mas, antes de tudo, é uma história de esperança. Uma história que nos reforça a ideia de que os injustiçados podem ludibriar a injustiça e enfrentar os injustos. Ela me reforça a ideia de que o que separa um nobre de um plebeu é apenas a roupa que veste. E as ideias que circulam em suas mentes.

Observou-se uma última vez no espelho. Os cabelos estavam cheios, a barba estava grossa no rosto. O fato é que estava parecido com seu pai; conferir isso lhe trazia força. E coragem. Branca entrelaçou seu braço no braço do novo Rei dos Reis, prestes a conferir sua consagração oficial. Anísio Branford a conduziu além daquelas portas do Grande Paço, com a certeza de que duas luzes o iluminavam em cada passo.

– Esta história que queres me contar tem a ver com algum grande príncipe, corajosos plebeus ou dragões alados?

– Não, ela não tem dragões alados.

– E corajosos plebeus?

– O grande príncipe deles.

02

Os salões do Grande Paço naquele dia estavam *realmente* agitados.

Muito mais do que serviçais em correria, ou que aias desesperadas com fios de fino linho desbotado de um precioso vestido nobre. Tratava-se na íntegra de verdadeira ansiedade, de uma egrégora de sensações universais oriunda de todo um povo. Afinal,

aquele Paço havia visto um príncipe engatinhar; andar e cair; andar; falar; correr; até cavalgar.

E naquele dia, de repente, ele se consagraria Rei.

Já fazia algum tempo que Rei Primo Branford padecera em um ritual sombrio comandado por uma bruxa igualmente lúgubre, e embora Anísio já tivesse assumido as decisões de seu Reino nas semanas seguintes, a cerimônia oficial de coroamento só estava acontecendo seis meses depois da fatalidade. Esse tempo mais extenso se dava para que todas as comitivas dos quinze Reinos em terras ocidentais, e tantos outros no céu ou no mar, pudessem se preparar e, cada um em seu tempo e em sua necessidade, melhor preparar as providências e os rumos de suas viagens até Arzallum.

Dessa forma, as primeiras comitivas a chegar foram as de Cálice e do Reino do Forte, o que era natural, já que se tratavam dos Reinos mais próximos, comandados pelos Reis Segundo e Tércio Branford, irmãos do falecido Rei Primo.

Tércio Branford, naquele momento, estava em seus aposentos, pois sua viagem havia sido a mais cansativa. Já Segundo passeava com o sobrinho pelos corredores agitados do Grande Paço, aproveitando para tomar conhecimento do que tivesse de conhecer, e projetar para o futuro o que pudesse ser antecipadamente vislumbrado.

– Como está Branca? – perguntou Rei Segundo, enquanto caminhavam.

– No início, chorou dias pela morte da mãe. Aliás, chorou tanto, mas tanto, que acreditei que morreria de pranto. A maçã do rosto perdeu as curvas, e a face chegou a ficar esquelética de tanta lágrima derramada.

– Temos de compreendê-la. Chorei menos, mas também chorei a morte de meu irmão, teu pai.

Anísio suspirou forte. E perguntou:

– É possível morrer através do pranto, sábio tio?

– Não. Mas é possível através da dor que vem com ele.

Rei Segundo não perguntava sobre a princesa Branca por acaso. Próximo de Arzallum também estava o Reino de Stallia, lar dos Coração-de-Neve, o que não deixava de ser, naquelas condições, uma incógnita e uma preocupação a mais. Afinal, por mais que a princesa Branca fosse, em pouco tempo, sagrada Rainha de Arzallum, ninguém sabia mais o que esperar das relações entre os dois Reinos desde que a Rainha Rosaléa Coração-de-Neve havia sido assassinada nas terras de Arzallum, no mesmo ritual de magia negra envolvendo o herdeiro de James Gancho, Jamil Coração-de-Crocodilo e uma bruxa canibal que vitimara Primo Branford.

– Tu já estiveste com Alonso depois de... de... tu sabes... – a pergunta partiu do Rei Segundo. Ambos estavam observando a agitação do palácio de uma das muitas sacadas do Grande Paço.

– Ainda não. – uma pausa, posta pelo desconforto. – Tu achas que pode não haver volta, meu tio?

– Anísio... acredito que Alonso tenha capacidade suficiente para entender que não fora culpa da guarda deste Reino sua Rainha ter padecido nestas terras.

– Não sei se um Coração-de-Neve pode ter tal capacidade de julgamento em tais condições...

– Tua dama já deu pista do contrário? – a pergunta era inteligente.

– Não como parece até aqui nesta conversa. Mas através de Branca, aprendi que esta família detém sentimentos muito complexos. Eles costumam dar uma vazão sempre mais exagerada aos sentimentos. Como te disse: antes, Branca chorou por dias inteiros, e quase não comeu quaisquer migalhas. Nos últimos dias, contudo, anda sorrindo como criança, e

acreditando que serei um grande Rei! Assim o são nessa família. Eles são diferentes. Se amam, amam com muita intensidade. Se odeiam, odeiam com todas as forças.

– Isso é típico da raça humana como um todo.

– Não para um Coração-de-Neve, insisto. Sabes, existem famílias forjadas no aço. Existem famílias como a nossa, forjadas na pobreza e em duros testes traçados por fadas. Mas os Coração-de-Neve são diferentes. Eles são mais instáveis. Eles são movidos por outra coisa...

– Tu queres dizer que eles são forjados pelo quê?

– Pelas dores mais profundas e as alegrias mais instáveis de um coração humano.

03

E Reis e Rainhas e nobres foram convocados para o Salão Real. E sinos e cornetas ecoaram. E Anísio Branford tomou posição.

E a cerimônia para a consagração do novo Rei de Arzallum se iniciou.

04

Axel Branford estava sentado no trono à esquerda, e odiava isso.

Detestava estar ali. Já não se sentia bem em cerimônias nobres, mas ter de sentar em um dos três tronos era algo inimaginável há pouco tempo. Justificável; Anísio sempre sentara à esquerda de Primo, afinal era o príncipe herdeiro. Axel, nessas festas, podia ficar

onde bem quisesse e entendesse, mesmo porque ninguém se preocupava demais com ele quando Anísio, Primo e sua Rainha-fada estavam presentes.

Mas agora ele era o *único* príncipe herdeiro de Arzallum. E mais, se uma fatalidade indesejada acontecesse a Anísio – e bato três vezes no coração para que Beanshee não nos escute – isso o obrigaria a assumir aquele trono. Se houvesse nascido com índole ruim, se desejasse o poder mais do que tudo na vida, com certeza acharia uma forma de tentar assassinar ou enlouquecer ou banir o próprio irmão. Pague a bebida certa e poderá escutar histórias desse tipo aos montes das bocas de bardos.

Mas não ali naquele Paço. Não ali. Porque Axel Branford não tinha índole ruim nem sede de poder.

E possuía outras engrenagens em seu coração.

Ocupando a mente do príncipe obsessivamente, estava uma jovem que não poderia estar naqueles salões, pois não era nobre nem princesa nem Rainha. A menina Hanson. A jovem Maria Hanson. Daria tudo para chamar seu sócia, colocá-lo naquele trono sentado como um ilusionista coletando atenções com jogos de mágica, e correr para tomar chá de frutas na casa humilde e modesta de sua nova protegida. Sabia, porém, que seu irmão gostaria de tê-lo ao seu lado esquerdo, e ele ali estaria até o fim. Ainda que houvesse de sucumbir ao tédio para isso.

Corneteiros reais ecoaram seus acordes com maestria. E escutou-se a voz que anunciava:

– Vossa Majestade, Rei Anísio Terra Branford, e Sua Alteza, Branca Coração-de-Neve!

Se Branca Coração-de-Neve já houvesse sido sagrada Rainha, naquele momento não teria entrado de braços dados com Anísio Branford. Estaria já sentada no trono vazio, ao lado direito do trono central do Rei.

O vão de nobres parecia um corredor infinito de ilusões. É desse sentimento que vive a política que comanda; seja a dos nobres, seja a do povo. Por debaixo daquelas cortinas de seda e colunas de mármore, daqueles carpetes e azulejos caríssimos, das paredes rebocadas e lisas, dos imensos e pesados candelabros que sustentavam um número incontável de grossas velas de cera de abelha, de vinho servido em copos de chifres, e de toda aquela comida diversificada que rodava o salão em pesadas bandejas e pratos de prata, Anísio Branford tentava segurar o próprio estômago e não vomitar.

Nobres se ajoelharam, e restaram de pé apenas os monarcas ou seus representantes diretos.

Os monarcas estavam na frente, na primeira fila, na dianteira dos três tronos reais. Atrás, havia os dezessete monarcas, e os Sete Conselheiros Reais, que agora eram Oito, Senhores da Guerra e das decisões reais, cujos conselhos ajudavam os Reis na famosa Sala Redonda. Vestiam mantos finos com capuzes, cada um com uma cor. O mais novo dentre eles, o oitavo, era um senhor de feições finas, óculos de lente de baixo grau e um sorrisinho cínico de quem parecia estar sempre com o controle da situação.

Apenas dois Reinos não haviam enviado representante algum naquele dia histórico. Um, era Oz, Reino sombrio comandado pelo soturno mago-linche Oscar Zoroaster. O outro, era Atlântidas, o Reino submerso e avesso à superfície, comandado pelo assustador e medonho Rei Kraken.

Anísio Branford chegou ao limite de seu trono, e ficou de pé à frente dele.

Sua princesa foi-se para próximo do pai, o Rei Alonso Coração-de-Neve. Ainda não seria naquela vez que se sentaria ao lado direito do amado. Os nobres se levantaram quando Anísio ficou em frente a todos, de pé. Seus tios, os Reis Segundo e Tércio Branford se aproximaram. Um trazia nas mãos o bastão; o outro, a coroa.

Rei Segundo Branford entregou com as duas mãos o bastão de puro ouro maciço, que Anísio aceitou.

Depois, o Rei inclinou a cabeça em sinal de humildade, até onde esteja o limite da humildade de um Rei, e Rei Tércio lhe ordenou a cabeça com uma das peças mais preciosas de todo Ocaso: a coroa de ouro e diamante em forma de estrelas cruzadas de cinco pontas.

Os três fizeram uma reverência. Anísio Branford, com o bastão nas mãos e a coroa real na cabeça, sentou-se no trono central, e os nobres novamente se ajoelharam.

Os corneteiros mais uma vez ecoaram acordes sincronizados.

O Rei limpou a garganta para falar. E todos provavelmente já devem bem saber que, quando um Rei resolve se pôr a falar, qualquer pessoa, em qualquer local, e de qualquer posição social, se cala. Como todos naquele palácio. E como todos nós.

05

– Nós que aqui estamos, sabemos bem o porquê. E posso falar que ninguém aqui nesta sala sente mais este momento do eu, que vivi e me preparei para ele, temendo o dia em que chegaria. E o temia porque sabia sem floreios que, no momento em que chegasse, como chegou, isso significaria, como significa, que iria perder, e perdi, o maior de todos os

momentos de minha vida. Pois nenhum momento de minha vida será maior do que aqueles em que estive com meu pai, Rei Primo Branford.

Foi assim que Anísio começou seu discurso. Suas palavras tocaram os corações dos nobres que tinham corações, dos serviçais que tinham o privilégio de escutar tais palavras, mesmo que das últimas filas, e dos monarcas que viram em Primo Branford o ápice de um aliado. Branca Coração-de-Neve mantinha uma expressão irremovível: sem sorrisos e sem lágrimas, escutando cada palavra com atenção e nada mais.

Já Axel Branford sentia a pele arrepiar.

– Honra-me profundamente a presença dos monarcas e representantes reais deste continente neste Paço. Honra e ajuda-me. Porque não penseis que é fácil ser filho do Maior dos Reis. Não penseis que é fácil sentar-me aqui e dar início ao maior dos fardos, pois quem é Rei, e merece ser Rei, ou acompanha de perto a vida de um Rei merecedor do título, sabe bem a responsabilidade que carregamos já desde o berço, acima de nosso próprio ego, na moldura de nossa própria vida. – uma pausa. – Neste momento sublime, diante de minha família, de meus aliados e divergentes, e de minha futura esposa e Rainha, eu juro, pelo sangue de um Branford, que não darei ênfase ao fraquejo, e serei um canal de toda lição aprendida. Juro que serei enérgico quando for preciso, e serei flexível quando for necessário. E, por fim, juro que separarei o justo do injusto quando isto for inevitável.

Alguns naquele salão se olharam da mesma maneira intranquila com que se olham os ressabiados. Perguntavam-se, em profundo silêncio, o que aquelas palavras significavam. A maioria tinha sua própria conclusão e sorria independente de qual fosse, menos um. Este compreendia, mas não gostava dos rumos que as coisas estavam tomando. Ferrabrás. Victon Ferrabrás. O Rei que banuiu sua coroa, extinguiu a monarquia de Minotaurus e sagrou-se Imperador, dizem mais pela força que pela lei, observava Anísio

com os olhos apertados, como se uma ventania de grãos de areia estivesse lhe cortando a face, e mantinha uma expressão atípica no semblante do rosto sem cabelos.

Em seu interior, apenas uma certeza: no futuro, ainda iria bater de frente com Anísio Branford.

– Pois agora, eu, Anísio Terra Branford, renego diante do Conselho Real e de todos vós o posto de primeiro príncipe real para me tornar o legítimo Rei de Arzallum. E juro por honra cumprir minhas promessas, e ser, hoje e em todos os dias que ainda viver, o melhor Rei que possa. – houve uma forte inspiração. – Pois, senhores, eu não quero jamais que se esqueçam de que eu não sou o maior Rei que já existiu sobre as terras de Nova Ether.

"Mas sou o filho dele."

Aplausos. Legítimos, empolgantes, apaixonados. É um fato: o ser humano se sente bem quando é deslumbrado. Ele passa a dar credibilidade maior e olhar de forma diferente uma situação quando isso acontece. Mesmo um conteúdo fraco pode ser facilmente disfarçado e bem vendido por uma boa apresentação. Converse com os vendedores de estradas, aqueles que vendem bugigangas em carroças puxadas por burros de cidade em cidade, e eles lhe contarão histórias desse tipo aos montes.

E ali, naquele Paço, o cenário era perfeito. Havia a situação, a plateia, a oportunidade. Mas acima disso havia o instrumento perfeito para o espetáculo. Anísio sabia falar, sabia escolher as palavras, as pausas, o timbre, o silêncio entre determinadas frases. Assim como seu pai, quando se manifestava, era como se uma orquestra invisível e inaudita rufasse seus instrumentos intangíveis para ratificar a emoção proposta pelas palavras ditas. Acredite, você poderia detestar Anísio, você poderia não se importar nem um pouco com política, você poderia nem mesmo ser deste plano de existência e, portanto, não ter nada a ver com os assuntos reais de qualquer região de Nova Ether. Mas ainda assim você, naquele

momento, sem sombra alguma de dúvida, teria aplaudido de pé e com gosto o nascimento do novo Rei de Arzallum. Afinal, para isso, você até estaria preparado.

Mas não para o que viria logo em seguida.

06

Maria Hanson havia dispensado sua turma infanto-juvenil. Estava particularmente feliz naquele dia. Desde que resolvera aceitar o conselho de seu antigo professor, Sabino von Fígaro, hoje o oitavo Conselheiro Real da Sala Redonda do Grande Paço, as coisas andavam assim para ela. Felizes. Sabino sempre fora uma inspiração, e isso não era exclusividade. Não era o primeiro professor a despertar em alunos sentimentos de busca maiores, de idealizações e realizações de grandes sonhos humanos.

Sabino ensinou Maria Hanson, e uma penca de alunos, a *raciocinar*. Não lhe importava que soubessem de cor nomes dos antigos Reis há muito falecidos, ou da capital de cada Reino do continente Ocaso ou Nascente. Interessava-lhe fazê-los entender os porquês. Saber por que um nobre era nobre e por que um plebeu era plebeu, mesmo que esse pensamento incitasse certa revolta quando analisado friamente. Interessava-lhe que seus alunos soubessem ler, escrever e contar. Sabia que conhecimento universal era prioritário a conhecimento folclórico, que cada povo poderia e deveria ter sua cultura própria, e que isso o enriqueceria, mas com a consciência de que isso não deveria ser a prioridade popular. Pois, em sociedade ninguém morreria se não soubesse a dança típica de sua cidade.

Mas talvez sim, se não soubesse ler, escrever e contar.

E Maria observava o horizonte naquele momento, pensando em coisas como *responsabilidade e confiança*, quando seus pensamentos foram interrompidos pelos brados. Gritos infantis, que berravam de um amontoado de vozes em roda. Dois pestinhas estavam se esmurrando, enquanto seus colegas não só adoravam a situação, como ainda incitavam a briga feito cães. Garotos, por mais que os adultos tentem frear esse instinto, adoram momentos como esse em que "saem da rotina". Mas para a nova professora, aquele momento não era nada comum. Certo, não era a primeira briga que iria apartar entre dois meninos sem juízo, mas, ainda assim, dessa vez ela se surpreendeu de verdade. E era justificável.

Um dos dois meninos era um garoto robusto e grande para sua idade.

O outro, com o rosto sujo de pancadas, era irmão dela.

07

Rei Anísio Branford tinha consciência do risco que viria a seguir.

Eram momentos únicos no Grande Paço; passada a cerimônia de consagração do Rei, os nobres agora se concentravam na conclusão de uma importante tradição que nunca fora quebrada. Rezava a tradição de coroação real que, após a cerimônia, o Rei posto poderia se beneficiar do que se conhecia em Nova Ether como *Os Três Desejos*.

Uma vez, em uma taberna feita inteiramente de rochas encaixadas e telhas resistentes que serviam de morada para ninhos de aranhas, escutei de um bardo gordo e glutão que tal tradição nascera há séculos, quando um Rei foi coroado na presença de um

gênio que lhe cedeu tal direito. Os gênios de Nova Ether, contava o bardo, costumam realizar três desejos – e apenas três – de quem quer que consiga o direito do feito.

A tradição assim foi passada, e, obviamente, não havia gênios para realizar desejos de todos os Reis do mundo. Quando isso passou a não ser mais possível, os gênios começaram a sair de cena, mas os desejos continuaram. Hoje, o Rei posto tem direito a escolher, dentre todos os governantes presentes em sua cerimônia, três desejos reais que não podem ser recusados.

E seguindo tal benefício, Anísio Branford continuou sua prosa:

– Sabem, ainda me impressiono como os Três Desejos costumam ser mais esperados e dotados de glamour do que toda a cerimônia de consagração real.

Os nobres riram. Ninguém tinha certeza absoluta de que Anísio havia feito uma piada – e ninguém deixaria de rir da piada de um Rei – mas riram ainda assim, pois, se o fosse, teriam feito seus papéis.

– Quando era pequeno, lá pelos meus cinco anos, já imaginava o que pediria a governantes tão poderosos. Obviamente, eu cresci e hoje os pedidos que farei são um pouco diferentes daqueles que teria feito em tal época. E ainda bem, ou do contrário teríamos Reis loucos por aí atrás de Pés-Grandes domesticados, ou galinhas que põem ovos de ouro!

E toda a corte gargalhou, dessa vez com certeza.

– Mas o pior foi quando cheguei a oito outonos. Pois aí passei a ter a certeza de que não necessitaria de três pedidos. Naquele momento, senhores e senhoras, só me bastava um. Apenas um, acreditem. Eu ensaiava... – e aqui ele fez uma pausa. – Semideuses, por que estou contando isso?... – e todos gargalharam novamente. – Bom, mas perguntem às aias, e elas ratificarão o que estou a dizer. Eu tinha oito anos, e ensaiava diante de um espelho o dia em que chegaria até nosso honrado Rei Alonso Coração-de-Neve, e diria então: "de tu,

meu bom aliado real, quero apenas a mão da mulher mais fascinante que já andou pelas terras de teu Reino!" – e Anísio apontou na direção de Alonso, levando com seu sinal todos os olhares daquele salão.

Rei Alonso estava com a expressão fechada e o olhar vago de um catatônico, com o pensamento visivelmente distante dali. Ao perceber, porém, todas as atenções voltadas para si, abriu um largo sorriso para todos os presentes, em uma súbita mudança drástica (e assustadora) de humor. Abriu os braços e bateu com as palmas nas coxas, afirmando:

– Ah, moleque travesso! Estavas achando que eu iria mesmo ceder-te minha esposa?
– e todo o salão riu de novo.

Rei Segundo Branford observava bem as mudanças drásticas de expressões de Alonso Coração-de-Neve, mas sorriu com a piada ainda assim, embora compreendesse um certo humor negro contido no comentário. Já Anísio, ignorando esse detalhe, continuou:

– Na verdade, Rei da Neve, pensava que ficarias irritado com minha petulância. E então terminava meu ensaio apontando-te meu dedo indicador e bradando como um menino-homem para todos os cantos: "e pare de se fazer de desentendido que sabes muito bem que falo de tua filha"! – e risos ecoaram e rebateram naquelas paredes uma vez mais. – E o pior... foi que ensaiei tanto meu discurso... apenas para descobrir, dois outonos depois, que Branca já era minha prometida desde o berço! – os risos viraram gargalhadas.

Já Rei Alonso, surpreendentemente, terminou a conversa dizendo:

– Olhe pelo lado bom da coisa, filho do Maior dos Reis! Tu ganharas um pedido extra! – e a alegria contagiava com aplausos e sorrisos aqueles salões.

Eles vinham de todos lugares ali, menos um: Ferrabrás. Este ainda permanecia impassível, impertinente e secarrão. Um rosto desprovido de emoção que a tudo observava desconfiado, em contraste com a maioria do salão.

– Pois bem, senhores, à parte do que contei, invoco agora meu direito real da tradição dos Três Desejos do Rei, que irei a vós pronunciar agora.

E todo um salão de gargalhadas se calou abruptamente.